

Narrativa, ficcionalidade e compreensão: a empatia na obra *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* (1968)

Taynna Mendonça Marino¹

A presente apresentação é uma das minhas primeiras reflexões a respeito do tema da minha dissertação de mestrado, iniciada em março de 2018, em que me propus a compreender o conceito de *empatia* a partir de sua historicização e delinear uma teorização sobre suas possibilidades e limites para a compreensão do outro e da História a partir da análise do livro de ficção científica ou especulativa *Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?* (1968) de Philip K. Dick e em consonância com debates recentes na área da Teoria da História.

O livro distópico intitulado *Androides sonham com ovelhas elétricas?* escrito por Philip K. Dick oferece um meio de acesso às reflexões acerca das relações entre História e distopia, dando especial atenção aos temas da narratividade, ficcionalidade e compreensão histórica, atravessados pelo problema da empatia na obra. Parto da constatação de Julio Benvivoglio de que a hostilidade presente na narrativa distópica e sua advertência ao presente revelam sintomas de uma crise no interior da História. Desse modo, a distopia se relaciona à dissolução das ideias de modernidade e humanidade, tal como elencadas pela compreensão histórica aos moldes da Ciência Histórica do século XIX.²

Adentrando às páginas de Philip K. Dick, encontramos uma narrativa permeada de questionamentos sobre o que define a humanidade e a realidade em uma sociedade pós-apocalíptica ou pós-humana. Da mesma forma que se pergunta “o que é ser humano?”, há uma potencial resposta e também o problema central que permeia a narrativa de Dick de que humanos são humanos porque são capazes de *ter empatia* (inclusive, essa palavra aparece aproximadamente 100 vezes no livro). Mas o que a empatia significa e qual a crítica que o autor tece sobre ela nessa narrativa literária? E para além da obra, quais são as possibilidades e limites da empatia para a compreensão histórica e de que forma pensá-la enquanto práxis política do ofício do historiador?

¹Mestranda pelo programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), vinculada ao Laboratório de Estudos em Teoria da História e História da Historiografia (LETHIS) da mesma instituição. Bolsista E-mail: taynammarino@gmail.com

²BENTIVOGLIO, J. C. **História & distopia**: a imaginação histórica no alvorecer do século 21. 1. ed. Serra: Milfontes, 2017.

Assim, divido a fala em três momentos: primeiro apresentarei em linhas gerais o problema da empatia presente na obra, em sequência farei uma breve consideração a respeito da conceitualização da empatia e sua relação com a compreensão histórica, e, por último, oferecerei algumas sugestões para se pensar a empatia como “práxis política”, em consonância com o tema da Semana de História do ano de 2018.

Nessa sociedade distópica de *Androides Sonham*, a empatia é evidenciada como o elemento que conferiria identidade à humanidade. O ideal de empatia se apresenta como uma competência emocional compartilhada por todos os seres humanos, diferenciando-os dos androides, a ponto de existir um teste chamado *Voight-Kampff*, capaz de medir a reação empática do indivíduo por meio de uma série de situações emocionais e de denunciar aquele que não é humano (leia-se não-empático). Essa empatia é o que pretensiosamente tornaria os seres humanos capazes de estabelecer uma conexão entre eles e de possibilitar a compreensão do outro por meio da identificação de que o outro partilha de uma natureza comum. Enquanto natureza humana, a empatia é propagada exaustivamente pelas mídias, tornando-se, para além de uma ideologia ou religião, como o Mercerismo presente na obra, um mercado de consumo homogêneo no qual os indivíduos desejam e possuem objetos capazes de afirmar sua inclinação empática, tais como a *caixa de empatia* e animais reais ou elétricos imitando os reais.³

No entanto, a fragilidade da empatia é sempre posta em questão durante a narrativa. A começar no momento em que alguns androides passam a manifestar empatia (ou algo similar a ela) enquanto outros humanos não. Aliás, apesar da tentativa de tornar a empatia um elemento definidor da humanidade, percebe-se que ela não é suficiente para estabelecer uma conexão eficaz entre os indivíduos dessa sociedade. A empatia com o similar esbarra na dificuldade de se definir a própria humanidade em uma sociedade pós-humana. Dessa forma, identificamos como elementos de uma mesma realidade (ou humanidade): a nostalgia da empatia com uma consequente supervalorização dela para fins de identidade coletiva da humanidade e, ao mesmo tempo, a fragilidade da empatia

³Cf. DICK, Philip Kindred. **Androides sonham com ovelhas elétricas?** São Paulo: Aleph, 2017.

em um contexto permeado de apatia, no sentido de ausência de empatia, ou de dispatia, no sentido de antipatia ou aversão ao outro, tal como assinala Maria Brand.⁴

Com isso, a fragilidade como é posta a empatia na obra não necessariamente prova que os humanos são incapazes de terem empatia, apenas que não existe nada automaticamente empático em ser humano. Em uma sociedade na qual os humanos estão perto da extinção e andróides são facilmente passados por humanos, é preciso cada vez mais colocarmos na ordem do dia reflexões sobre o que significa ser humano e de que forma narrar e compreender o passado em um mundo “pós-humano”.

Costuma-se dizer que para entender pensamentos e ações de pessoas do passado ou de culturas diferentes no presente é preciso ter empatia. Nas últimas décadas, esse termo empatia vem ganhando cada vez mais força tanto na esfera pública quanto no discurso acadêmico e com ele se acompanha inúmeras questões sobre o valor da empatia para a humanidade e seu papel na representação do passado.

Apesar disso, esse é um conceito ambíguo e que frequentemente gera confusões. De acordo com Sigrid Weigel, a ideia de empatia pode carregar diversos sentidos que são baseados em diferentes explicações sobre afetos humanos, estrutura psíquica do indivíduo e comportamento emocional em direção a pessoas de um mesmo grupo ou grupos distintos. Além disso, é preciso entender que há uma enorme diferença entre empatia, paralela ao altruísmo ou à solidariedade, como parte de uma interdependência dos membros de uma certa espécie, e empatia como uma atitude humana dos indivíduos em relação ao estado emocional do “outro”, isto é, como um modo de intersubjetividade. No entanto, muitas são as críticas feitas ao conceito de *Einfühlung* (termo em alemão que originou a empatia), mobilizado pela tradição historicista, e muitas delas desqualificam o papel da empatia como mediadora da narrativa sobre o passado e produtora de conhecimento. Portanto, temos a empatia como um termo

⁴BRAND, Maria. **Empathy and Dyspathy between Man, Android and Robot in *Do Androids Dream of Electric Sheep?* by Philip K. Dick and *I, Robot* by Isaac Asimov.** Lund: Lund University, 2013.

polissêmico, controverso, cheio de mal entendidos, com uma bibliografia bastante extensa e multidisciplinar que necessita ser escrutinada.⁵

Tal como denunciaram Gadamer e Habermas, é preciso tomar a empatia não como uma “visão ingênua da compreensão” de que é possível se pôr no lugar de outras pessoas e sentir suas experiências em nós mesmos; para compreender outras pessoas, grupos e formas de vida, precisamos imaginar como os outros possivelmente pensavam ou agiam, diferente de nós mesmos, em situações análogas, porém com diferentes valores, motivos e crenças. Compreender os sentimentos de outros não é o mesmo que diretamente experienciá-los, pois se tentamos extinguir nossa subjetividade para nos sentir dentro do outro, acabamos por cair em uma armadilha de auto projeção, no qual perdemos a consciência de distinguir o que faz parte do nosso mundo e o que faz parte do mundo do outro.⁶

Apesar disso, Austin Harrington constata que Gadamer e Habermas falharam em distinguir os problemas específicos do conceito de *Einfühlung* e a amplamente legitimada função do sentimento e da imaginação na tarefa de compreender. O autor argumenta que os trabalhos de Dilthey ainda possuem uma especial relevância para os debates contemporâneos, na medida que a compreensão é a tarefa de “transportar-se para o interior de”, isto é, estabelecer uma conexão com o outro a fim de produzir, se é possível dizer, uma “revivência”. Na esteira de Dilthey, é possível inferir que a empatia é o elemento que dá energia a essa transposição, é a forma como nos conectamos ao outro e nos deixamos envolver por sua vivência.⁷ Também de acordo com discussões mais recentes, Dominick LaCapra atenta para os limites da objetividade nas narrativas históricas e aponta para o “papel da emoção na compreensão histórica”⁸, evidenciando a importância da “empatia como um componente do entendimento histórico”.⁹

Embora haja a possibilidade de se considerar a empatia como papel importante para a compreensão histórica, também é preciso reconhecer os seus limites. Walter Benjamin,

⁵Cf. LUX, Vanessa; WEIGEL, Sigrid. **Empathy: Epistemic Problems and Cultural-Historical Perspectives of a Cross-Disciplinary Concept**. Bochum: Palgrave Studies in the Theory and History of Psychology, 2017.

⁶Cf. HARRINGTON, Austin. **Dilthey, Empathy and Verstehen: a contemporary reappraisal**. Leeds: European Journal of Social Theory, 2001.

⁷DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. Trad. Marco Casanova. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

⁸LACAPRA, Dominick. **History in Transit: Experience, Identity, Critical Theory**. Ithaca: Cornell University Press, 2004, p.64-65.

⁹*Idem*. **History and its Limits: Human, Animal, Violence**. Ithaca: Cornell University Press, 2010, p. 198.

em sua tese nº 7 das *Teses sobre o conceito de história*, denuncia a empatia do historicismo clássico, vista não como sinal de apologia, mas um alerta do perigo de se ter empatia com os vencedores e provocar ainda mais esquecimentos sobre os vencidos.¹⁰

Por outra via, Keith Jenkins esclarece que não é possível ter empatia se por ela considerarmos a afirmação de que precisamos nos pôr no lugar das pessoas do passado e partilhar seu ponto de vista para assim adquirir uma compreensão histórica compatível com o real. Além disso, Jenkins reitera que as pessoas do passado se diferiam muito de nós nos significados que davam ao seu mundo e, por conta disso, não teria fundamento nenhuma interpretação desses significados que se baseie na constância da natureza humana. Ele sustenta que não há um modelo de humanidade e nós não conseguimos ter empatia em relação às pessoas do passado pois não partilhamos de suas experiências e pensamentos.¹¹

Apesar das críticas proferidas à possibilidade de compreensão por meio da empatia, concordamos com LaCapra em sua obra recém-publicada *Understanding Others*, na qual ele se posiciona criticando a confusão que geralmente se é feita entre empatia e identificação, destacando que a empatia é “uma conexão imaginativa, intelectual e emocional com o outro que não implica em uma habilidade de falar pelo outro ou de tomar o seu lugar”, esta é uma distinção que reconhece – e não elimina ou subsume – a diferença entre mim e o outro. Dito isso, a empatia se contrasta com “a identificação incorporativa e projetiva, que mina a compreensão dos outros por meio de sua assimilação pelo eu”. A empatia pode ter a forma objetificante, de querer extrair como as pessoas “veem” as coisas, mas ela também pode ser compreendida por meio da revivência, tal como define Dilthey, de querer reexperienciar o que o outro experienciou.¹²

A estudiosa romena da narrativa Andreea Deciu Ritivoi também chama a atenção para uma empatia que se refere mais à diferença que à comunalidade e que pressupõe uma concepção hermenêutica que sustente “uma projeção imaginativa em experiências que reconhecemos como diferentes, mas que podemos ainda assim compreender a partir das

¹⁰BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 224.

¹¹Cf. JENKINS, Keith. **A História repensada.** São Paulo: Contexto, 2007.

¹²LACAPRA, Dominick. **Understanding others:** peoples, animals, pasts. Ithaca: Cornell University Press, 2018, p. 47-48, tradução nossa.

perspectivas daqueles que as vivem”. De acordo com essa concepção de empatia, a autora completa que ela “pode emergir de uma melhor compreensão das experiências, e não da identificação com um personagem familiar ou com um personagem que se encontra em uma situação familiar”.¹³

De modo geral, destaco que o problema da ingenuidade de se defender a ideia de empatia para a compreensão do passado é nos enganarmos a ponto de achar que pessoas do passado pensam e agem como nós hoje. A empatia quando confundida com identificação funciona como uma transferência no qual nos ponhamos no lugar das pessoas a partir de nossos próprios valores, crenças e pensamentos. Entretanto, por meio da instrumentalização de uma empatia crítica (e não relacionada à identificação) podemos produzir um conhecimento histórico mais preocupado com a intersubjetividade, que é inerente a ele, e que por isso destaque a diferença como seu principal motor para compreender as experiências que não experienciamos.

Como o tema da Semana de História da UFES desse ano é *Conflitos e Resistências: cultura, identidade e a práxis política*, por que então não pensar o papel da empatia enquanto práxis política?

Na esteira das recentes reflexões acerca da existência de um “giro ético-político” no interior da História, parafraseio Pedro Telles da Silveira, ao chamar a atenção para os estudos, reflexões, investigações e intervenções relacionados à atuação dos historiadores e historiadoras junto à sociedade na qual estão inseridos; às questões levantadas a respeito dos problemas éticos, e não apenas epistemológicos, da compreensão histórica; aos sentidos que o conhecimento histórico assume junto às políticas de reparação de determinados processos sociais, tal como a escravidão no Brasil; e à atuação política e o significado da democracia no contexto em que nos encontramos.¹⁴ Desse modo, tão importante quanto pensar o ofício do historiador ou da historiadora na fabricação de narrativas sobre o passado, é pensar a forma de atuação dele/dela sobre o passado e o presente que não se resume na escrita da história, mas também na práxis política do historiador e da historiadora enquanto não estão fabricando história. Citando Pedro

¹³RITIVOI, Andreea Deciu. **Empatia, intersubjetividade e compreensão narrativa:** lendo as histórias, lendo as vidas (dos outros). Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 16-17.

¹⁴SILVEIRA, Pedro Telles da. História, ação e ética – comentário a respeito de Herman Paul. **História e Cultura**, Franca, v. 6, n. 3, p. 104-127, dez-mar. 2017.

Telles, “sua atuação não se esgota nos textos que escrevem ou nos cursos que ministram, mas extrapolam o público acadêmico em direção à sociedade”.¹⁵

Devido a isso, há que se pensar as implicações ético-políticas da empatia, pensá-la como um ato de compreensão da diferença e não mais do similar ou como uma identificação imediata com os pares, para assim tornarmos a escrita da História e o ofício do historiador e da historiadora abertos para as mudanças e transformações que ocorrem na sociedade e que precisam ser integradas ao conhecimento histórico e à práxis do mesmo, não apenas como fabricante de histórias mas como um agente nelas.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 224.

BENTIVOGLIO, J. C. **História & distopia: a imaginação histórica no alvorecer do século 21.** 1. ed. Serra: Milfontes, 2017.

BRAND, Maria. **Empathy and Dyspathy between Man, Android and Robot in *Do Androids Dream of Electric Sheep?* by Philip K. Dick and *I, Robot* by Isaac Asimov.** Lund: Lund University, 2013.

DICK, Philip Kindred. **Andróides sonham com ovelhas elétricas?** São Paulo: Aleph, 2017.

DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas.** Trad. Marco Casanova. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

HARRINGTON, Austin. **Dilthey, Empathy and Verstehen: a contemporary reappraisal.** Leeds: European Journal of Social Theory, 2001.

JENKINS, Keith. **A História repensada.** São Paulo: Contexto, 2007.

LACAPRA, Dominick. **History and its Limits: Human, Animal, Violence.** Ithaca: Cornell University Press, 2010, p. 198.

LACAPRA, Dominick. **History in Transit: Experience, Identity, Critical Theory.** Ithaca: Cornell University Press, 2004, p.64-65.

LACAPRA, Dominick. **Understanding others: peoples, animals, pasts.** Ithaca: Cornell University Press, 2018, p. 47-48, tradução nossa.

LUX, Vanessa; WEIGEL, Sigrid. **Empathy: Epistemic Problems and Cultural-Historical Perspectives of a Cross-Disciplinary Concept.** Bochum: Palgrave Studies in the Theory and History of Psychology, 2017.

¹⁵*Ibidem.*

RITIVOI, Andreea Deciu. **Empatia, intersubjetividade e compreensão narrativa:** lendo as histórias, lendo as vidas (dos outros). Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2018, p. 16-17.

SILVEIRA, Pedro Telles da. História, ação e ética – comentário a respeito de Herman Paul. **História e Cultura**, Franca, v. 6, n. 3, p. 104-127, dez-mar. 2017.